

XAVIER PLACER



ESCRITO NUM VOLANTE

O QUE VOCÊ AMA

em alguma parte fica e vivifica

não implode, revem de-longe

tempo puro

O QUE VOCÊ AMA

vê em caixa alta com todas as letras

partilha ou passa ao papel

seu bem de raiz

O QUE VOCÊ AMA

ninguém te tira

CERTA MADRUGADA

ruídos fortes me acordaram. Bruxas? Quadros

caindo? Jarras rompendo?

— Vai ver, Baltasar.

Sono, frio e dois dedos de medo me tolham entre

lençóis. Fui; eram os cacos, as cavilhas da bela

língua portuguesa —

alhures — quejando — adrede — assás —

quão — quiçá — comezinho — somenos —

debalde — entrementes — cerce — tampouco

— outrossim — amiúde

espatifados por todo o carpete verde da biblioteca.

[Miniprosas. Niterói, Letras fluminenses, 1991]

O geômetra

A Flávio & Celio (Moreira Placer)

Grande é a noite! Cabem nela

Nebulosas cabe o mar

Ecos coitos e aquela

Desrazão, a do sonhar

A mim, que o caos habitava

Mais me apraz a claridade:

Caçador, ao ombro a aljava

Avançar com agilidade

Colho de pronto evidências

Plurais. Porém as essências

Distingo-as em seu lugar

Colho palavras ao ouvido

Separo cada sentido

Oh volúpia de pensar!

In O geômetra. Niterói: Letras fluminenses, 1992, p. 9

Palavras

Voz, vocábulo, verbo – palavras! Palavras, criaturas vivas. Vivíssimas criaturas. Como as flores, os pássaros, os homens.

Palavras – umas toscas, obscuras, escravas nascidas para os humildes ofícios, dóceis a um gesto; outras, orgulhosas, esbeltas, sugestivas – jovens alouçadas que se esquivam quando lhes acenamos e vêm quando as quiséramos distantes... Aquelas têm o ar nostálgico do adeus, do aperto de mão nas despedidas; estas, a gravidade das sentenças – palavras dos lábios de Ariel, aladas palavras, e pragas de Calibã, com pés de chumbo.

E as que arrebataram ao arco-íris as mais belas tintas? Não se criaram no chão limoso das cavernas tantas outras? Odores esquisitos evolvem-se das sílabas de algumas; algumas são cerradas, enxutas, solteironas.

Quantas são feitas de aurora e mel, em oposição a est'outras – negras, espessas, duras, de granito. Amoráveis palavras que têm o polimento dos seixos; e facetadas, espelhantes – cristais partindo-se ou risadas felizes – plásticas e móveis palavras, flamas batidas pelo vento – ardentes e inquietas. As que dizem demais e as que não dizem nada; as companheiras da solidão, dos altos pensamentos, das confissões patéticas. E as que gritam, que rugem e precipitam no céu ou levam ao abismo!

In O navegador solitário. Rio de Janeiro: Margem, 1956, p. 9-10.

A Hora da Criação

A hora da criação é uma hora de amor.

A alma, em êxtase, sobreleva-se a si mesma,  
e arrebatada no arranco todas as faculdades, todas  
as potências. Brilha a luz nos subterrâneos, a luz  
explode. É a hora do Espírito.

Mas por uma hora de amor, há muitas horas  
de dor.

Sopra o simum, apaga-se na areia ardente o

desespero do poeta. Desce a treva, emudecem as fontes, e a Musa se ausenta. Longo exílio. É a hora da Vigília.

E ei-lo a errar, entre os homens, no mundo, sob o céu sem astros e a terra inóspita, em triste estado de realidade, o Visionário!

(O Navegador Solitário)

Poemas

Rosas na chuva. Rosas  
no vendaval da tarde  
A vermelhar os ramos  
rostos em seu capuz  
Oito, e que reais: rosas  
Noivas do efêmero, asas  
num ocaso do mundo  
golpeadas de frio  
Ou cúmplices do eterno?  
em outra solidão, mansão do espaço  
sempre e ainda, rubras rosas

(Memorial)

Xavier Placer

Cântico de Alegria Intelectual

Somos tropelados,  
Cegados no tempo,  
De ruídos e fúria.  
Mas grato uma vez  
Ter vindo e vagar  
Vivos sob o Sol.  
Cativos nos lindes  
Da Cidade, o outro  
Dom maior é dado:  
Convívio e palavra.  
E onde cresce a água  
Madurece o trigo.  
Para isto somos:  
Ousar e sonhar.  
Para isto estamos:  
Conhecer e amar.  
Para isto viemos:  
AMAR E MORRER.  
(Mosaico)

Poemas

Pássarosurpresa

Um pássaro, talvez foragido de doméstico  
viveiro, ganhou a praia na clara manhã.  
Na clara manhã, na praia, aqueles que  
levantavam castelos na areia e os que liam jornais à  
sombra das barracas e os voluptuosos da ardência

perderam o espetáculo.

Súbito, todos os que patinhavam na escassa  
margem de água até onde dá pé, foram candidatos  
à posse do pássaro alocado, que ziguezagueou  
sobre cabeça e braços num vôo rasante...

E veio.

E veio cair.

E veio cair nas mãos de um namorado,  
que o entregou sorrindo à namorada, de olhos  
espantadíssimos.

(Silêncio adentro)

Há o Silêncio dos Amantes

Há o silêncio dos amantes.

Há o silêncio do deserto.

Ainda o extremo silêncio

da palavra – todo instante

defasada no tráfico da fala,

no ruído e pântano da praça.

Silêncio de antes de o tempo

por dentro roer cada fonema,

audível na hora acesa do poema.

(SIM)

Poemas

Ver e Sentir a Chuva

Ver

e sentir a chuva!

Dilatar as narinas pro cheiro da terra e se  
molhar...

O tolo-inocente, niguém o segura, corre pro  
meio dela no terreiro,

Nu – grita, grita, os cabelos escorrendo nos  
olhos, na cara, a água escorrendo pelo corpo.

Quando estoura o trovão, fraterno dos  
elementos, berra e gargalha.

Assim que o aguaceiro acabar azulará de  
horizonte a horizonte; e no ar lavado,  
o ARCO-ÍRIS.

(Clareira)

...Porque para esse recalitrante vivente,

o homem, a poesia importa pouco.

Mas está-aí. E assume muitas formas, silentes,  
insidiosas, submarinas.

A poesia sabe-se destino, a poesia

sabe-se a íntima do ser, e lá

– serva não, grande senhora –

dobra a alva túnica-sem-costura e ajoelha todas as



horas.

Aqui a poesia empresta aos mármore a  
matéria de seu rosto.

(Sondagem)

Porque o amor não existe  
seria algo finito e acabado, eles o sabem

O que existe é o amar: edificar  
a cada instante ir recriando o outro

O que existe é o amar: feito do barro  
e sopro da paixão, como é tangível!

Dois na aparência  
dois para melhor ser-um  
tal no reinar outrora

em que eram todas as coisas e nenhuma

O que existe é o amar: vigilar  
noite adentro pela madrugada

alento insuflar a um outro  
que quer render-se já

O que existe é o amar  
Amar? – o desafio à morte

(O Jovem Par)

Fantástico quanto o sonho, o nítido real –

Quando o dia é já menos dia  
e o Sol ausente rosêa o céu de baixo a alto  
– um bateau mouche passa ao longe. Não tão  
longe

que não se distingam lanternas coloridas a oscilar  
gentes, alegres navegantes garrafas  
gargalhadas  
Imagina a bojuda nau dos insensatos!  
E de um ( ébrio? ) gesticulando pro vinoso mar  
esta recitação de pierrô ouvi:

Si es preciso reír  
quando el alma llora  
Si es preciso llorar  
quando el alma ríe  
Vamos reír y llorar  
mi alma ahora  
¡ que un muerto corazón ya nada es...pe...ra !  
(O Mar. O Mar)  
Vir-à-Luz do Poema  
Que queria? Que dizia?  
Belo porque não floriu?  
Intenso porque tão breve?  
Sinto-o bater as asas...

Que dizia? Que queria?  
Era amor? Amargo gesto?  
Mal lhe toquei, oh reverso

ira e rima no dilema!

Que queria? Que dizia?

Recolhê-lo? Persegui-lo?

Em alma e corpo que seja

(esperarei) o poema

(Flor-Ação)

A relva

mais qualquer pássaro cantor

compunham a panorâmica do dia.

De-longe chegavam as palavras, as

palavras mesmo eram

imagens, tudo se consumava poema, que

o jovem poeta ia datilografando feito um

seminarista em estado-de-graça.

( Tocou o telefone ).

Ei-lo em estado-de realidade. O pássaro

voou! E o verde,

que desconforto de ver que a relva verde não é

relva,

não é relva nem é verde.

(Mosaico)

O Dicionário

Penetra surdamente no reino

das palavras.

CDA: Procura da Poesia.

É outro universo!

Está tudo no grosso livro.

Também a poesia, toda a poesia.

Por etimologia, abonações,

por entre agressivos prosaísmos,

nelea poesia se entranhou.

Silente,

plena de natural rubor,

em ordenadas colunas por página,

basta deixar fugir a caça, esquecer

o que de utilitário se ia buscando.

E surpreendê-la!

A poesia que se entrega.

(Cartuns)

... Porque para esse recalcitrante vivente, o homem,

a poesia importa pouco.

Mas está-aí. E assume muitas formas, silentes,

insidiosas, submarinas.

A poesia sabe-se destino, a poesia

sabe-se a íntima do ser, e lá

- seva não, grande senhora –

dobra a alva túnica-sem-costura e ajoelha todas as horas.

Aqui a poesia empresta aos mármore a matéria de seu rosto.

XXXII

ALEGRIA nessa vitória! Destemor, eis a palavra.

Então cerravas os olhos. E os cerravas, oh labirinto!

para não ver. Romper

foi preciso lógicas e guardados,

irrisórias horas desviver, tantos fogos avivar. – Um dia

madrugou.

Contempla, contempla como esse em labaredas

consumou o prisioneiro, formidável incêndio.

UM HOMEM CAMINHA SOLITÁRIO E FORTE

EM CAMPO ABERTO.

Extraídos de Sondagem. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1977.

SÉTIMO ANDAR

Nem aurora ou galo

Três da manhã

o irreal se adensa:

conjunto nulo

o alto silêncio

Cheiro em ascensão

do pão a cozer

é o fresco BOM-DIA

O GESTO

Junto às coisas somos

que nem dão por nós

Vertigem e fúria –

tudo na voragem

fenece e perece

Só o gesto, o claro

gesto, funda

morre nunca

A ERIKA

Não desesperes, Érika

da sorte

Um a um os teus deuses

mudaram-se pra América

do Norte?

Toda-poderosa –



dança! voa! ri da morte

Extraídos de Minipoemas. Rio de Janeiro: Edições Xagorá, 1978.

Mortos os dias. Morta

a aventura. Morto o afã de absoluto

Dura o grande pinheiro na planície,

duram, sem tempo, as pedras do castelo;

naus das terras d'Irlanda e Cornualha

rompem as águas; reina el-Rei; pervivem

a aia, os felões, a felonia. Dos que acordam

a provam, desde a hora primeira,

o selo. – Que passe a amada

a Bela-dos –Cabelos-de-Oiro e junto

jaza ao amigo inerte. Foram chama.

A luz e seus contornos os negaram,

o chão e o destino, a noite os una:

deles amantes! A paixão, deles a morte

TRISTÃO & ISOLDA

aqui, legenda e símbolo se unindo para esplendor de Eros ; a Arnaldo José de Castro.

PELO QUE o acaso tenha carreado

para teus óleos de efêmero

isso, Pancetti, não conta, o tempo desagrega;

mas pelas tuas lisas pinceladas

assimiladas por mãos de grumete a pintar navios

(mãos de neto e filho de artesãos em mármore

Mestres d'obras de Massa e de Carrara);

tuas cores ascéticas

cores que entre a paleta e o lugar do quadro

ascenderam e estão; pela, neles,

aérea perspectiva, céus intuídos, adivinhados;

aquele deus-dentro-de-ti perante a tela em branda

logo palpitação de mares e de pedras, de areias

e de barcos, - isso ficará.

TAL-QUAL o vermelhar da rosa no capulho

que em círculos entorna aroma

seu pudor

o amor ama

e ama porque ama, o amor

Mas regougam feras nos fojos

pântano ciladas outros frêmitos

estão presentes são ativos

Qué deles? – os nupciais – ali

onde jorravam águas saltarinas, ali

onde a serpentina

plumagem de dois cisnes o alvo colo alongava?

Tudo conspira

então prenúncio de desastre

O dom maior, a beleza, ah! abeleza

É terrível; a posse? – o limite

Extraído de O Jovem Par. Rio de Janeiro: Edições Zagorá, 1985.

TESTAMENTO

EU, Abderame III,

Califa da ilustre Córdoba,

Por meio-século reinei.

Na guerra andei meu cavalo

minha espada me deu fama,

coroei, na paz, as letras.

Riqueza honra prazeres

chegava tudo a um aceno:

aparentemente nada faltou

a tanto poder.

Mortal, quem quer que sejas,

no esperes aqui felicidade.

isto te deixo em meu escrito:

meus dias felizes neste mundo

cuidadosamente os contei,

- sobem a catorze.

recortado de um escólio às obras

de Vauvenargues.

Extraído de Cartuns. Niterói, RJ: Letras Fluminenses, 1990.

---

Xavier Placer (Niterói, 1916), bibliotecário de profissão e antigo professor universitário, além de livros na sua especialidade e de trabalhos de tradução tem obras publicadas nos gêneros poesia, ficção e ensaio. Estreou com o romance *A Escolha* (José Olympio, 1944), prosseguindo nas diversas áreas de sua atuação com *Doze Histórias Curtas* (1946, Prêmio Afonso Arinos, da ABL), a que se seguiram, entre muitos outros, *Imagens da Cidade* (1952, prefácio de Otto Maria Carpeaux), *O Navegador Solitário* (1956), *O Impressionismo na Ficção: Pompéia, Graça Aranha e Adelino Magalhães* (capítulo em *A Literatura no Brasil*, dir. de Afrânio Coutinho, 1955-59), *Legendas da Terra Fluminense* (1960), *O Poema em Prosa* (MEC, Cadernos de Cultura, 1961), *Silêncio adentro* (1961), *Notícias da Viagem* (1976), *Clareira* (1986), *SIM* (1987), *Mosaico e O Mar, o Mar* (1988), *A Casa* (1989), *Mini-Prosas* (1991) e *O Geômetra* (1992). Tem pronto para publicação o romance *Arnóbio o Moço*. Colaborou por muitos anos com artigos e contos em *A Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio* e *Minas Gerais*, *Cultura*(MEC), *Leitura*, *Jornal de Letras* e *Letras Fluminenses*.

Faleceu em 2008.